

## Citações:

- p. 13 – Lorrie Moore, *Pássaros da América*, trad. de Fernanda O'Brien. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.
- p. 197 – Penelope Fitzgerald, *A Livraria*, trad. de Eugénia Antunes, Lisboa, Clube do Autor, 2011.
- p. 295 – Copyright © The Estate of Elizabeth Taylor 1964, *The Soul of Kindness*, Virago Modern Classics, 2010. Reproduzida sob a autorização de Johnson & Alcock Limited.
- p. 331 – Copyright © 2012, Andrew Solomon, *Far from the Tree*. Reproduzida sob a autorização de The Wylie Agency (UK) Limited.
- p. 399 – Philip Larkin, «É tão triste, a casa» in *Uma Antologia*, trad. de Maria Teresa Guerreiro, Coimbra, Fora do Texto, 1989.

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Us*

Autor do texto: *David Nicholls*

Copyright © David Nicholls, 2014

Edição original publicada na Grã-Bretanha, em 2014, por Hodder & Stoughton, uma empresa Hachette UK

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2014

Tradução: *Ana Cunha*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 381 046/14

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2014

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para Portugal e Países Africanos de Expressão Portuguesa à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Todas as personagens neste livro são fictícias. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Só tu me ensinaste que tenho um coração — só tu deitaste uma luz intensa para as profundezas e para os picos da minha alma. Só tu me revelaste a mim próprio; pois, sem o teu auxílio, o melhor que teria logrado conhecer de mim próprio teria sido meramente conhecer a minha sombra — vê-la a tremular na parede, e tomar erradamente as suas fantasias por verdadeiras ações minhas...

Agora, caríssima, compreendes o que fizeste por mim?  
E não é um tanto assustadora a ideia de que uma ou outra diminuta circunstância podiam ter impedido o nosso encontro?

Nathaniel Hawthorne, numa carta a Sophia Peabody  
4 de outubro de 1840

PRIMEIRO LIVRO

A GRANDE *TOURNÉE*  
CULTURAL

primeira parte

INGLATERRA

O desencanto funcional e o hábito doce da presença um do outro começaram a pôr-lhe rugas à volta da boca, que faziam lembrar aspas: como se tudo o que ela dizia já tivesse sido dito antes.

Lorrie Moore, *Pássaros da América*

## 1. os ladrões

No verão passado, pouco tempo antes de o meu filho estar para se mudar de casa para a universidade, a minha mulher acordou-me a meio da noite.

Primeiro pensei que me abanava por causa de ladrões. Desde a mudança para o campo que a minha mulher adquirira uma tendência de acordar sobressaltada com qualquer rangido, resmungo ou estalido. Eu tentava tranquilizá-la. São os radiadores, dizia eu; são as traves, a contrair ou a inchar; são raposas. Pois, raposas a levarem o portátil, dizia ela, raposas a levarem as chaves do carro, e ficávamos mais um bocado deitados à escuta. Sempre havia o «botão de pânico» ao lado da cama, mas eu nunca me imaginaria a carregar nele, não fosse o alarme incomodar alguém — algum ladrão, por exemplo.

Não sou um homem particularmente corajoso, não sou fisicamente imponente, mas nesta noite em particular reparei na hora — passava pouco das quatro —, suspirei, bocejei e descí. Passei por cima do nosso cão inútil, andei pesadamente de divisão em divisão, verifiquei as portas e as janelas e depois subi mais uma vez as escadas.

— Está tudo bem — anunciei. — Provavelmente é só o ar nos canos.

— Tu estás a falar de quê? — perguntou a Connie, agora a endireitar-se na cama.

— Que está tudo bem. Nem sinal de ladrões.

— Eu não disse nada de *ladrões*. Disse que penso que o nosso casamento chegou ao fim. Douglas, penso que te quero deixar.

Sentei-me um momento na beira da nossa cama.

— Bem, pelo menos não andavam cá ladrões — gracieji, embora nenhum de nós sorrisse e não tornássemos a adormecer nessa noite.

## 2. douglas timothy petersen

O nosso filho Albie deixaria o lar familiar em outubro e muito pouco depois a minha mulher faria o mesmo. Os acontecimentos pareciam tão intimamente ligados que não conseguia deixar de pensar que, se o Albie tivesse chumbado nos exames e sido obrigado a repeti-los, talvez tivéssemos passado outro bom ano de casamento.

Mas antes de dizer algo mais sobre este e os outros eventos que decorreram durante aquele verão em particular, é melhor contar-lhe um pouco sobre mim e pintar algum género de «retrato por palavras». Não deve demorar. Chamo-me Douglas Petersen e tenho cinquenta e quatro anos. Vê aquele intrigante «e» final no Petersen? Dizem-me que é remanescente de alguma herança escandinava, algum bisavô, embora eu nunca tenha lá ido e não tenha histórias interessantes para contar sobre a Escandinávia. Tradicionalmente, os escandinavos são um povo louro, bem-parecido, cordial e desinibido, e eu não sou nenhuma dessas coisas. Sou inglês. Os meus pais, entretanto ambos falecidos, criaram-me em Ipswich; o meu pai era médico, a minha mãe professora de Biologia. O «Douglas» veio da nostálgica afeição dela pelo Douglas Fairbanks, o ídolo de Hollywood, portanto aí temos outro pormenor enganador. Houve tentativas ao longo dos anos para se referirem a mim como «Doug», ou «Dougie», ou «Doogie». Karen, a minha irmã, autoproclamada a única «cheia de personalidade» na família Petersen, chama-me «D», «Big D», «D-ster» ou «Professor D» — este último, diz ela, seria o meu nome de prisão —, mas nenhum destes pegou e permaneço Douglas. O meu nome do meio, por acaso, é Timothy,

mas não é nome que favoreça ninguém extraordinariamente. Douglas Timothy Petersen. Sou formado em Bioquímica.

Aparência. A minha mulher, quando nos conhecemos e nos sentíamos compelidos a falar constantemente da cara e da personalidade e do que adorávamos um no outro e essa história toda, disse-me um dia que eu tinha uma cara «perfeitamente agradável» e, ao ver o meu desapontamento, acrescentou rapidamente que eu tinha «olhos verdadeiramente bondosos», significasse isso lá o que significava. E é verdade, tenho uma cara perfeitamente agradável, olhos que podem muito bem ser «bondosos», mas também são do mais castanho que há, um nariz de tamanho razoável e o género de sorriso que faz com que se deem fora fotografias. Que mais posso acrescentar? Uma vez, num jantar, a conversa deu em «quem faria de ti no filme da tua vida?». Houve muita galhofa e risada com as comparações feitas a várias estrelas de cinema e personalidades televisivas. A Connie, a minha mulher, parecer-se-ia com uma obscura atriz europeia, e embora ela protestasse — «ela é de longe demasiado bela e glamorosa», etc. —, eu bem vi que ficou lisonjeada. O jogo continuou, mas quando chegou a minha vez fez-se silêncio. Os convidados bebericaram o vinho e tamborilaram com os dedos no queixo. Todos nos apercebemos da música de fundo. Pelos vistos, eu não era parecido com nenhuma pessoa famosa ou inconfundível em toda a história do mundo — significando isto, suponho eu, que era único, ou exatamente o oposto. «Quem quer queijo?», ofereceu o anfitrião, e rapidamente passámos aos méritos relativos do da Córsega *versus* o da Sardenha, ou não sei o quê.

Seja como for. Tenho cinquenta e quatro anos — já disse isso? — e tenho um filho, o Albie, a alcunha dele é «Ovo», a quem eu sou dedicado, mas que por vezes me olha com um desdém puro e concentrado, enchendo-me de tanta tristeza e arrependimento que mal consigo falar.

Por isso é uma família pequena, algo comedida, e penso que cada um de nós sente às vezes que é um pouco pequena de mais, e cada um de nós deseja que houvesse ali mais alguém para absorver algumas das pancadas. A Connie e eu também tivemos uma filha, a Jane, mas ela morreu pouco depois de nascer.

### 3. a parábola

Existe, creio eu, uma ideia preconcebida de que os homens, até certo ponto, ficam mais bem-parecidos com a idade. Se assim é, então estou a iniciar a fase descendente dessa parábola específica. «Põe creme hidratante!», costumava dizer a Connie quando nos conhecemos, mas não era mais provável fazer tal coisa que tatuar o pescoço; conseqüentemente, agora possuo a tez do Jabba, *the Hutt*. Já há alguns anos que fico ridículo de *T-shirt*, mas em termos de saúde procuro manter-me em forma. Como com cautela, para evitar o destino do meu pai, que morreu de ataque cardíaco mais cedo do que parecia apropriado. O coração dele «basicamente explodiu», explicou o médico, com um gozo desapropriado, pareceu-me — e, conseqüentemente, pratico *jogging* esporádica e constrangidamente, incerto quanto ao que fazer com as mãos. Pô-las atrás das costas, talvez. Dantes gostava de jogar badminton com a Connie, embora ela tivesse tendência para se pôr com risinhos e palermices, por achar a modalidade «um bocadinho pateta». É um preconceito comum. O badminton carece da arrogância à jovem executivo do *squash* ou do romantismo do ténis, mas permanece o desporto de raquete mais popular no mundo e os seus melhores praticantes são atletas de calibre mundial com instintos formidáveis. «Um volante consegue atingir velocidades de 350 quilómetros por hora», explicava eu à Connie, enquanto ela se dobrava de riso ao pé da rede. «Para. De rir!» «Mas isto tem *penas*», respondia ela, «tenho vergonha de bater assim numa coisa com penas. Parece que andamos aqui a tentar matar um tentilhão», e punha-se então outra vez a rir.

Que mais? Quando fiz cinquenta anos, a Connie comprou-me uma bela bicicleta de corrida na qual às vezes percorro caminhos orlados de folhagem, notando a sinfonia da natureza e imaginando o que uma colisão com um camião TIR faria ao meu corpo. Quando fiz cinquenta e um, foi equipamento de corrida, cinquenta e dois, um aparador de pelos das orelhas e nariz, um objeto que continua simultaneamente a horrorizar e a fascinar-me, a zunir escarnejador nas profundezas do meu crânio, como um cortador de relva



minúsculo. O subtexto de todas estas prendas era o mesmo: não fiques quieto, tenta não envelheceres, não tomes nada por garantido.

Contudo, não há como negar: agora sou de meia-idade. Sento-me para enfiar as meias, faço um ruído quando me ponho de pé, e tornei-me enervantemente consciente da minha próstata, apertada como uma noz entre as minhas nádegas. Sempre me levaram a crer que envelhecer era um processo lento e gradual, o arrastar de um glaciar. Agora me apercebo de que acontece subitamente, como neve a cair de um telhado.

Em contraste, a minha mulher aos cinquenta e dois anos parece-me tão atraente como no dia em que a conheci. Fosse eu dizer isto em voz alta, ela responderia: «Douglas, isso é só lábia. Ninguém prefere rugas, ninguém prefere cabelo grisalho.» Ao que eu responderia: «Mas nada disto é surpresa. Desde que nos conhecemos, eu sempre estive à espera de te ver envelhecer. Por que havia de me incomodar? É a cara em si que eu amo, e não a tal cara aos vinte e oito anos, ou aos trinta e quatro, ou aos quarenta e três. É *essa* cara.»

Ter-lhe-ia talvez agradado ouvir isto, mas eu nunca chegara a arranjar maneira de o dizer em voz alta. Sempre presumira que haveria tempo e agora, sentado na beira da cama às quatro da manhã, já sem o ouvido à escuta de ladrões, pareceu-me que talvez fosse tarde de mais.

— Há quanto tempo é que tu...?

— Já faz algum tempo.

— Então quando é que tu...?

— Não sei. Não é para breve, não antes de o Albie sair de casa. Depois do verão. No outono, para o início do ano que vem?

Finalmente:

— Posso perguntar porquê?

#### 4. a. c. e d. c.

Para a pergunta, e a resposta definitiva, fazer sentido, talvez seja necessário algum contexto. Instintivamente, eu sentia que a minha vida se podia dividir em duas partes distintas — antes da

Connie e depois da Connie, e antes que eu pormenorize o que aconteceu naquele verão, talvez seja útil eu fazer um relato de como nos conhecemos. Isto é uma história de amor, no fim de contas. Entra seguramente amor nela.

## 5. «só» — a palavra tabu

«Só» é uma palavra perturbante, não se deve atirar ao ar com ligeireza. Deixa as pessoas pouco à vontade, por força de evocar toda a espécie de adjetivos mais adversos, como «triste» ou «estranho». Sempre fui bastante estimado, penso eu, sempre fui bem-visto e respeitado, mas ter poucos inimigos não é o mesmo que ter muitos amigos, e não havia como negar que, se eu não era «só», então era mais solitário do que esperara ser naquele tempo.

Para a maioria das pessoas, os vinte anos representam uma espécie de ponto alto do gregarismo, em que embarcam em aventuras no mundo real, encontram uma carreira, levam vidas sociais ativas e emocionantes, apaixonam-se, chapinham em sexo e drogas. Eu tinha noção de isso acontecer ao meu redor. Sabia dos clubes noturnos e das inaugurações de galerias, dos concertos e das manifestações; reparava nas ressacas, nas mesmas roupas vestidas para trabalhar em dias consecutivos, nos beijos no metro e nas lágrimas na cantina, mas observava tudo aquilo como que através de um vidro de segurança. Estou a pensar especificamente em finais dos anos oitenta, que, apesar de toda a adversidade e turbulência, pareceu uma época bem emocionante. Os muros estavam a cair, tanto literal como figurativamente; os rostos políticos estavam a mudar. Hesito em chamar-lhe revolução ou em a retratar como alguma nova aurora — havia guerras na Europa e no Médio Oriente, motins e turbulência económica —, mas ao menos havia uma sensação de imprevisibilidade, uma sensação de mudança. Recordo-me de ler muita coisa sobre um Segundo Verão do Amor nos suplementos a cores dos jornais. Demasiado jovem para o Primeiro, durante o Segundo andava a concluir o meu doutoramento — sobre interações proteína-ARN e dobramento de

proteínas durante a tradução. «O único ácido *nesta casa*», gostava eu de dizer lá no laboratório, «é o desoxirribonucleico» — uma piada que nunca recebia propriamente a aclamação que merecia.

Ainda assim, à medida que a década chegava ao fim, havia claramente coisas a acontecerem, ainda que fosse noutros sítios e a outras pessoas, e eu indagava-me silenciosamente se também na minha vida era oportuna alguma mudança, e de que maneira haveria eu de a provocar.

## 6. *drosophila melanogaster*

O Muro de Berlim ainda estava de pé quando me mudei para Balham. A aproximar-me dos trinta, eu era um doutorado em Bioquímica a viver num apartamento pequeno, meio mobilado, com um pesado crédito imobiliário, numa transversal da High Road, consumido pelo trabalho e pelo património líquido negativo. Passava os dias úteis e grande parte dos fins de semana a estudar a comum mosca-da-fruta, a *Drosophila melanogaster*, para o meu primeiro pós-doutoramento, especificamente sobre o uso de mutagénicos em ensaios clássicos de genética para diante. Eram tempos emocionantes no estudo da drosófila, a desenvolver instrumentos para decodificar e manipular genomas de organismos, e profissionalmente, ainda que não pessoalmente, foi de certo modo um período dourado para mim.

Agora raramente me deparo com uma mosca-da-fruta fora de uma fruteira. Nos dias que correm, trabalho no setor privado, comercial — «na corporação do mal», chama-lhe o meu filho —, como diretor de investigação e desenvolvimento, um título algo pomposo mas que significa que já não experiencio a liberdade e a emoção da ciência fundamental. Nos dias que correm, a minha posição é organizacional, estratégica, palavras assim. Custeamos a investigação nas universidades de modo a tirar o máximo partido da perícia, inovação e entusiasmo académicos, mas agora é preciso que seja tudo «translacional»; tem de haver alguma aplicação prática. Eu aprecio o trabalho, sou bom nele e ainda

frequente laboratórios, mas agora empregam-me para coordenar e gerir gente mais nova que faz o trabalho que eu dantes fazia. Não sou nenhum monstro corporativo; sou bom no meu trabalho e isso granjeou-me sucesso e segurança. Mas não me faz vibrar como dantes fazia.

Porque *fazia-me mesmo* vibrar, trabalhar aquelas horas todas com um pequeno grupo de gente empenhada, apaixonada. A ciência parecia-me então exaltante, inspiradora e essencial. Vinte anos mais tarde, aquelas experiências com as moscas-da-fruta conduziriam a inovações médicas que jamais poderíamos ter imaginado, mas na época éramos motivados por pura curiosidade, quase por um espírito lúdico. Era simplesmente um gozo bestial, e não seria exagero nenhum eu dizer que adorava a minha especialidade.

Não queria dizer que não envolvesse igualmente uma dose enorme de labuta monótona; os computadores eram temperamentais e rudimentares, pouco mais do que calculadoras descomunais e consideravelmente menos potentes que o telemóvel que tenho agora no bolso, e a introdução de dados era extenuante e laboriosa. E embora a comum mosca-da-fruta tenha imenso a seu favor enquanto organismo experimental — fecundidade, um ciclo de reprodução breve, morfologia distinta —, tem pouco em termos de personalidade. Tínhamos uma mosca de estimação no insetário do laboratório, num frasco especial só para ela com um tapetinho e mobília de casa de bonecas, e mudávamos a mosca no fim de cada ciclo de vida. Embora seja complicado definir o sexo de uma mosca-da-fruta, chamávamos-lhe a ele/ela *Bruce*. Permita que isto sirva de exemplo arquetípico do Humor de Bioquímico.

Eram necessárias pequenas diversões do género, porque anestesiar uma população de drosófilas, depois examiná-las uma a uma ao microscópio com o auxílio de um fino pincel, à procura de minúsculas alterações na pigmentação ocular ou na forma das asas, é francamente de entorpecer o cérebro. É um pouco como embarcar num imenso quebra-cabeças. A início uma pessoa pensa «isto vai ser divertido» e liga o rádio e faz um bule de chá, até que se apercebe de que há muitas, demasiadas, peças, quase todas parte do céu.

Consequentemente, estava de longe cansado de mais para ir à festa da minha irmã naquela sexta-feira à noite. E não apenas cansado, também estava de pé atrás, por uma série de boas razões.

## 7. a casamenteira

Estava de pé atrás por causa dos cozinhados da minha irmã, que consistiam invariavelmente numa massa tubular com queijo económico, carbonizado até ficar preto à superfície, com ou atum em lata ou carne picada cheia de unto à espreita sob a crosta derretida. Estava de pé atrás porque as festas, e os jantares, em particular, sempre me haviam parecido uma forma impiedosa de combate gladiatório, em que o mais espirituoso, bem-sucedido e atraente era coberto de louros, e os cadáveres dos derrotados ficavam caídos, a sangrar, sobre as tábuas pintadas do soalho. A pressão para cada um se mostrar no seu melhor em tais circunstâncias era para mim paralisante, e ainda é, e contudo a minha irmã insistia em me forçar, vezes repetidas, a entrar na arena.

- Não podes passar o resto da vida em casa, D.
- Não passo a vida em casa, eu mal lá paro...
- Enfiado naquele buraco miserável, completamente sozinho.
- Não é nenhum bu... estou perfeitamente feliz sozinho, Karen.
- Não estás feliz. Não estás! Como é que podes estar feliz, D?

Tu não estás feliz! Não estás!

E era verdade que não havia lá muito gáudio até àquela noite de fevereiro, pouco motivo para fogos de artifício ou murros vitoriosos no ar. Eu gostava dos meus colegas, eles gostavam de mim, mas era sobretudo assim, no sábado à tarde eu dizia adeus ao Steve, o segurança, e então não falava mais até os meus lábios se despegarem com um audível «pop!» na segunda-feira de manhã, quando eu o saudava com um olá. «Foi bom o fim de semana, Douglas?», perguntava ele. «Oh, pacato, Steve, muito pacato.» Ainda assim, havia o prazer e a satisfação no meu trabalho, um

jogo de perguntas e respostas no *pub* uma vez por mês, a cerveja com os meus colegas numa sexta-feira à noite, e se ocasionalmente suspeitava que faltava qualquer coisa, bem — não era afinal assim com toda a gente?

A minha irmã, não. Aos seus vinte e tais anos, a Karen era promíscua nas amizades e andava com o que os meus pais se referiam como «uma malta de artes»: aspirantes a atores, dramaturgos e poetas, músicos, bailarinos, gente jovem e glamorosa que procurava singrar em carreiras sem espírito prático, que ficava de pé até tarde e depois se encontrava para tomar demoradas e emocionais chávenas de chá a todas as horas do dia de trabalho. Para a minha irmã, a vida era um demorado abraço em grupo e, de certa forma misteriosa, exhibir-me aos seus amigos mais jovens parecia divertí-la. Ela gostava de dizer que eu tinha saltado a juventude e entrado de imediato na meia-idade, que já no ventre da mãe eu tinha quarenta e três anos, e era verdade, suponho eu, que nunca apanhara o jeito a ser jovem. Sendo esse o caso, porque estava ela tão desesperada que eu alinhasse?

— Porque vão estar lá *raparigas*...

— Raparigas. Raparigas... Sim, já ouvi falar dessas.

— Uma rapariga em particular...

— Eu conheço raparigas, Karen. Já me encontrei e falei com raparigas.

— Como esta, não. Confia em mim.

Suspirei. Fosse por que razão fosse, «arranjar-me namorada» tornara-se um pouco uma obsessão para a Karen, e ela acalentava-a com um misto cativante de condescendência e coerção.

— Queres ficar sozinho para sempre? Queres? Hã? Queres?

— Não faço qualquer tenção de ficar sozinho para sempre.

— Então onde é que vais conhecer alguém, D? No teu guarda-roupa? Debaixo do sofá? Vais criar alguém no laboratório?

— Eu não quero ter mais esta conversa, a sério.

— Só digo isto porque *gosto* de ti! — O amor era o álibi da Karen para toda a espécie de comportamento exasperante. — Vou pôr a mesa a contar contigo, por isso, se não vieres, fica a noite toda arruinada! — E com isso desligou o telefone.

## 8. massa gratinada com atum

E assim, naquela noite, num apartamento minúsculo em Tooting, fui empurrado pelos ombros para dentro da minúscula cozinha onde estavam dezasseis pessoas apinhadas à volta de uma frágil mesa com pernas de cavalete, concebida para espalhar cola em papel de parede, com uma das infames travessas de massa gratinada da minha irmã ao centro, a fumegar como um meteorito, a cheirar a comida de gato torrada.

— Ouçam todos! Este é o meu querido irmão Douglas. Sejam simpáticos com ele, ele é tímido! — Não havia nada que a minha irmã mais gostasse do que apontar para uma pessoa tímida e bramir TÍMIDO! Olá, oi, viva, Douglas, disseram os meus adversários e eu contorci-me e sentei-me numa minúscula cadeira dobrável entre um homem bem-parecido, peludo, de meias-calças pretas e camisa interior de cava às riscas, e uma mulher extremamente atraente.

— Eu sou a Connie — apresentou-se ela.

— Prazer em te conhecer, Connie — respondi eu, arguto como um escalpelo, e foi assim que conheci a minha mulher.

Ficámos sentados em silêncio durante um bocado. Contemplei perguntar-lhe se me passava a massa, mas então seria obrigado a comê-la, portanto, em vez disso...

— O que é que tu fazes, Connie?

— Boa pergunta — respondeu ela, embora não fosse. — Creio que sou pintora. Pelo menos, foi o que eu estudei, mas soa sempre um pouco pretensioso...

— De modo algum — retorqui, e pensei: *oh, meu Deus, pintora*. Se ela tivesse dito «bióloga celular», ninguém me teria segurado, mas eu raramente encontrava tal gente, e de certeza que nunca em casa da minha irmã. Uma *pintora*. Eu não odiava pintura, de maneira nenhuma, mas detesto não perceber nada do assunto.

— Então, aguarelas ou óleos?

— É um pouco mais complicado do que isso — riu-se ela.

— Ei, eu também sou mais ou menos das artes! — anunciou o homem bem-parecido à minha esquerda, abrindo caminho com o ombro. — Sou artista do *trapézio*!

Pouco falei depois disto. O Jake, o homem felpudo de meias-calças e camisa interior de cava, era um artista de circo cheio de amor pelo seu trabalho e amor-próprio, e como poderia eu competir com um homem que ganhava a vida a desafiar as leis da gravidade? Fiquei antes sentado em silêncio a observá-la do canto do olho, fazendo as seguintes observações:

## 9. sete coisas sobre ela

1. Tinha um cabelo muito bonito. Bem cortado, limpo, brilhante, de um preto quase artificial, as pontas escovadas para a frente, por cima das orelhas («pontas» — está correto?), estilizado de modo a emoldurar-lhe a cara maravilhosa. Descrever estilos de penteado não é o meu forte, falta-me o vocabulário, mas havia ali qualquer coisa de estrela de cinema dos anos cinquenta, do que a minha mãe chamava «um cabelo arranjado», e, no entanto, muito na moda e contemporâneo. «Muito na moda» — quem me ouvir! Seja como for, senti o cheiro do champô e o perfume dela quando me sentei, não porque lhe farejasse a nuca como um texugo, não era assim tão tolo, mas porque a mesa era mesmo muito pequena.
2. A Connie escutava. Para a minha irmã e os amigos dela, «conversar» significava na verdade falar à vez, mas a Connie escutava atentamente o nosso artista do trapézio, mão encostada à face, o dedo mínimo poisado no canto da boca. Reservada, calma, tinha uma qualidade de inteligência serena. A expressão dela era atenta, mas não inteiramente acrílica ou desprovida de alacridade, de modo que era impossível discernir se ela achava uma dada coisa impressionante ou ridícula, uma postura que ela sempre conservou em toda a história do nosso casamento.
3. Embora eu a achasse encantadora, ela não era a mulher mais atraente à mesa. É tradicional, eu sei, quando se descreve estes



primeiros encontros com a pessoa amada, sugerir que esta irradiava um brilho especial qualquer; «a cara dela iluminava a sala toda» ou «não conseguia tirar os olhos dela». Na verdade, eu consegui e tirei mesmo e diria que, pelo menos em termos convencionais, ela era talvez a terceira mulher mais bonita naquela divisão. A minha irmã, sendo como muito se gabava «cheia de personalidade», gostava de se rodear de pessoas extremamente belas, extremamente «cool», mas o *cool* e a bondade raramente andam juntos, e o facto de estas pessoas serem amiúde verdadeiramente revoltantes, cruéis, pretensiosas ou imbecis era, para a minha irmã, um preço reduzido a pagar pelo *glamour* que refletiam. Portanto, embora naquela noite lá estivesse muita gente atraente, eu estava muito contente por estar sentado ao lado da Connie, mesmo que ela à primeira vista não efervescesse, incandescesse, resplandecesse, etc.

4. Ela tinha uma voz muito apelativa — grave, seca, um pouco roufenha, com um perceptível sotaque londrino. Perdeu-o, ao longo dos anos, mas na altura havia definitivamente um ligeiro engolir das consoantes. Normalmente seria um indicador da origem social, mas não no círculo da minha irmã. Um dos seus amigos mais *cockneys* falava como quem vendia búzios na praça, apesar de o pai ser bispo de Bath and Wells. No caso da Connie, ela fazia perguntas sinceras, inteligentes, que não obstante tinham uma contracorrente irónica e jocosa. «Os palhaços na vida real têm tanta piada como no palco?» — esse género de coisa. A voz dela tinha a cadência instintiva de um comediante e ela tinha o dom de ter graça sem sorrir, que eu sempre invejei. Nas raras ocasiões em que eu conto uma anedota em público, faço caretas como um chimpanzé assustado, mas a Connie ficava, fica, impávida. «Olha», perguntou ela, a cara uma máscara, «quando vais lançado pelos ares, direito ao teu parceiro, alguma vez te sentes tentado, mesmo no último momento, a fazer assim...», e então encostou a ponta do polegar ao nariz e abanou os dedos restantes, e eu achei isto simplesmente bestial.

5. Ela bebia muito, tornando a encher o copo antes de ele ficar vazio, como que preocupada que o vinho acabasse. A bebida não tinha qualquer efeito discernível, exceto talvez uma certa intensidade na conversa, como se exigisse concentração. A maneira de beber da Connie sempre pareceu bastante descontraída, havia nela uma espécie de arrogância à «aposto que aguento mais álcool do que tu». Parecia ser divertida.
6. Ela era extremamente estilosa. Não se vestia dispendiosa ou ostentadamente, mas havia nela qualquer coisa que *batia certo*. A moda da época punha grande ênfase no «largo e solto», dando a impressão que os convidados à roda da mesa eram meninos pequeninos, vestidos com as *T-shirts* dos pais. A Connie, em contraste, estava impecável e cheia de estilo em roupa antiga (a que eu desde então aprendi a chamar «*vintage*») que era de corte elegante e justo e lhe realçava — lamento, peço desculpa, mas não há mesmo maneira de contornar isto — as «curvas». Era elegante, original, simultaneamente mais à frente que a maralha e tão antiquada como uma personagem num filme a preto e branco. Em contraste, a impressão que eu pretendia criar, em retrospectiva, não era impressão alguma. O meu guarda-roupa da época percorria a gama do cinza-acastanhado até ao cinza, todas as cores do mundo dos líquenes, e é uma aposta segura porque havia calças chino envolvidas. Seja como for, a camuflagem funcionava, porque...
7. Esta mulher à minha direita não tinha absolutamente interesse de ordem alguma em mim.

## 10. o intrépido rapaz do trapézio voador

E porque havia de ter? O Jake, artista do trapézio, era um homem que fitava a morte nos olhos, ao passo que eu a maioria das noites fitava a televisão. E nem sequer era um circo qualquer, era